

*Este livro é dedicado ao meu marido e aos meus filhos.
Obrigada por serem o meu «final feliz».*



CAPÍTULO 1

SLOAN



♪ *IN THE MOURNING* | PARAMORE

— **Q**ueres que vá ter contigo ao cemitério, Sloan?
A Kristen estava preocupada comigo.

Abanei a cabeça para a consola central do meu carro, onde o meu telemóvel estava em alta-voz.

— Estou bem. Vou ao mercado dos agricultores depois — disse eu, na esperança de que isso a apaziguasse.

O meu carro ficou parado no semáforo vermelho junto a um passeio ladeado por estabelecimentos comerciais decadentes e carvalhos sedentos e resistentes à seca, que pareciam ter finalmente cedido a alma perante a falta de chuva. Eu estava a assar sob o sol escaldante. O meu teto de abrir tinha avariado durante o fim de semana de Páscoa, há algumas semanas, e eu não o arranjava, como parte da minha tradição de longa data de não consertar nada no meu carro merdoso.

— Ao mercado dos agricultores? Vais cozinhar? — A voz da Kristen encheu-se de esperança.

— Não. Talvez uma salada — disse eu quando o semáforo ficou verde. Eu já não cozinjava. Toda a gente sabia disso.

Já não fazia muitas coisas.

— Oh. Bem, queres que vá lá a casa mais tarde? — perguntou. — Levo-te massa de bolacha e licor.

— Não. Eu vou estar... *Oh, meu Deus!* — Um borrão peludo, cor de cobre, entrou na estrada e eu travei. O meu telemóvel transformou-se num projétil para o tabliê e a minha mala caiu no banco do passageiro, derramando tampões e natas para café em doses individuais.

— Sloan! Que aconteceu?

Agarrei-me ao volante, com o coração aos pulos.

— Kristen, tenho de desligar. Eu... Acho que acabei de matar um cão. — Desliguei a chamada e tirei o cinto de segurança, pus o carro em ponto morto e coloquei uma mão trémula na porta para esperar por uma pausa no trânsito para sair.

Por favor, que tenha sido rápido e indolor. *Por favor.*

Isto ia destruir-me. Era só o que me faltava. O corpo inerte do pobre animal de estimação de alguém debaixo dos pneus do meu carro merdoso, neste dia maldito em particular, e a pouca alegria que me restava simplesmente desapareceria e dissipar-se-ia.

Odeio a minha vida.

A minha garganta ficou apertada. Prometi a mim mesma que não ia chorar hoje. *Prometi...*

Um latido.

Uma cabeça de cão com orelhas caídas apareceu por cima do meu para-choques, farejando o ar. Mal tive tempo de perceber que o animal ainda estava vivo antes de ele saltar para o capô. Ladrrou para mim através do vidro e depois agarrou no limpa-para-brisas e começou a puxá-lo.

— Mas que raio... — Inclinei a cabeça, até me ri um pouco. Os músculos envolvidos pareciam fracos devido ao desuso e, por um instante, por um breve lampejo, esqueci-me de que dia era hoje.

Esqueci-me de que estava a caminho de visitar uma sepultura.

O meu telemóvel tocou com uma sucessão rápida de mensagens. Provavelmente a Kristen a passar-se.

Era por isso que nunca me levantava tão cedo. Só caos. Era isto que se passava em Canoga Park às nove horas da manhã de uma sexta-feira? Cães a correr à vontade nas estradas?

Uma buzina tocou e um dedo do meio saiu de um descapotável que passava. O meu carro estava parado na estrada com um cão no capô.

Entrei em ação para fazer um salvamento no meio da estrada. Não queria que ele fugisse e fosse atropelado. Esperei novamente por uma pausa entre os carros, enquanto o cão se agachava e me ladrava através do vidro. Eu abanava a cabeça em sinal de reprovação quando ele recuou, inclinou a cabeça, bem-disposto, escalou o meu para-brisas e *mergulhou pelo meu teto de abrir*.

Aterrou em cima de mim com um monte de pelos e patas a voar. O ar foi-me expulso dos pulmões num ápice, enquanto uma pata me deslizava pela camisola até ao decote, fazendo a aterragem e arranhando-me da clavícula ao umbigo. Depois, estava em cima de mim, com as patas nos meus ombros, a lamber-me a cara e a choramingar como se tivéssemos crescido juntos e eu tivesse acabado de chegar da faculdade.

Gritei como se estivesse a ser comida viva.

Consegui tirá-lo de cima de mim para o banco do passageiro, ofegante e desgrenhada, com baba de cão na cara; e quando o meu telemóvel tocou, agarrei-o por reflexo.

— Sloan, estás bem? — perguntou a Kristen antes mesmo de eu levar o telemóvel ao ouvido.

— Um cão acabou de saltar pelo meu teto de abrir!

— O quê?

— Sim. — Limpei a bochecha com a parte de baixo da minha camisola. — Está... no meu banco da frente.

O cão *sorriu* para mim. Sorriu mesmo, enquanto a cauda batia para trás e para a frente. Depois baixou a cabeça e soltou um único latido. Observei, horrorizada, enquanto ele vomitava uma bola viscosa de relva mesmo no meu suporte para copos, em cima do meu *latte* intocado.

Eeeeeee as luzes da polícia piscaram no meu retrovisor.

— Só podem estar a brincar comigo — ofeguei, olhando para trás e para a frente entre o vómito, o cão e as luzes no meu espelho.

Comecei a rir-me. Era a minha resposta ao *stress*. Isso e uma pálpebra a tremer. Ambos me faziam parecer tresloucada.

Este agente estava prestes a presenciar um espetáculo.

— Kristen, ligo-te mais tarde. A polícia está aqui. — Eu ri-me.

— Espera, o quê?

— Pois, eu sei. Estou parada no meio da rua e agora a polícia chegou.

Desliguei a chamada e o carro da polícia fez soar uma sirene impaciente atrás de mim. Avancei lentamente até conseguir entrar num pequeno parque de lojas. Olhei para baixo, ajustando a camisola e abanando a cabeça, alternando entre resmungar para mim mesma sobre donos de cães irresponsáveis e rir como uma lunática.

Pensei se estaria suficientemente bonita para me livrar de uma multa. Tudo indicava que *não*.

Houve uma altura, noutro Universo, em que esta cara ganhava concursos de beleza. Agora, parecia que tinha estado numa luta com um guaxinim por causa de uma còdea de *pizza* — e tinha perdido.

As unhas do cão arranhavam-me os braços e eu estava coberta de pelo alaranjado suficiente para fazer um cachorrinho. O meu cabelo loiro estava preso num carrapito despenteado que tinha sido meio desfeito durante a confusão, e as minhas calças de ioga e o meu *top* manchado de tinta não me favoreciam em nada. O meu rosto sem maquilhagem parecia pálido e cansado.

Há dois anos que tinha um ar cansado.

— Vamos ter de nos aguentar só com a nossa personalidade — murmurei para o cão. Ele sorriu com a língua de fora e eu lancei-lhe um olhar de reprovação. — Os teus tutores têm muitas explicações a dar.

Baixei a janela e entreguei a carta de condução e o livrete ao agente, antes que ele os pedisse.

— Aquilo foi uma cena e peras, menina... — O agente olhou para a minha informação — Sloan Monroe. É ilegal obstruir o trânsito — disse ele, com um tom aborrecido.

— Agente, a culpa não foi minha. Este cão fugiu para a estrada e depois saltou pelo meu teto de abrir.

Consegui ver o meu reflexo nos seus óculos de sol de aviator. A minha pálpebra contraiu-se e eu fechei-a, olhando para ele com um olho. Meu Deus, eu parecia doida.

— Não é a primeira vez que passo por isto, menina. Encontre algo que não exija que bloqueie o tráfego para o seu próximo vídeo do

YouTube e dê-se por satisfeita por só receber uma multa por obstrução e não uma por deixar um animal à solta.

— Espere. Acha que ele é *meu*? — Tirei um longo pedaço de pelo da minha boca. — Eu sei que não há nada que diga mais sobre ser dono de um cão do que um a mergulhar pelo topo do seu carro, mas eu nunca vi este tipo na minha vida. — Depois olhei para baixo e comecei a rir-me. O cão estava com a cabeça no meu colo a fazer uma atuação digna de um Óscar de «sou o teu cão». Olhou para mim com olhos de «Olá, mamã».

Bufei e voltei a cair numa gargalhada maniaca, pondo um dedo na pálpebra a tremer.

Hoje. De todos os dias, isto acontece hoje.

O agente ficou a olhar para mim durante meio minuto, absorvendo toda a minha loucura. Tenho a certeza de que o vômito de cão no suporte para copos não ajudou. Não que isso tenha alterado muito o encanto original do meu carro já em ruínas. Não o lavava há dois anos. Ainda assim, ele deve ter visto na minha expressão algo em que acreditou, porque ficou a pensar na minha história por um instante.

— Certo. Bem, vou fazer uma chamada para o controlo de animais. — Inclinou-se para o intercomunicador no seu ombro. — Tirar este vadio perigoso das suas mãos.

Fiquei desperta num segundo, tirando o dedo do olho.

— Não! Não pode mandá-lo para o canil!

A mão dele congelou no intercomunicador, e ele arqueou uma sobancelha.

— Porque este cão é seu?

— Não, porque ele ficaria aterrorizado. Já viu aqueles anúncios sobre a crueldade animal? Com os cães tristes nas jaulas? E a canção da Sarah McLachlan?

O polícia riu-se durante todo o caminho de volta ao carro-patrolha para me passar uma multa.

Quando eu e o cão chegámos a casa, coleei a multa no frigorífico com o íman de chinelos que eu e o Brandon tínhamos comprado em Maui. Tanto a multa como o íman fizeram-me subir um nó na garganta, mas o cão empurrou a cabeça para debaixo da minha mão e eu, de alguma

forma, consegui conter a vontade de soluçar. Eram dez horas da manhã no Dia, e até agora eu tinha cumprido a minha promessa de não chorar copiosamente.

Parabéns a mim.

Liguei à Kristen, que provavelmente estava a passar-se e a reunir um grupo de busca e salvamento, uma vez que eu não tinha atendido as suas últimas cinco chamadas. Ela atendeu ao primeiro toque.

— Que raio aconteceu? Estás bem?

— Sim, estou bem. Tenho o cão. Está em minha casa. Fui multada por parar no meio da rua.

— Estás a falar a sério?

— Infelizmente, estou — respondi, cansada.

Ela emitiu um som de reprovação.

— Não empinaste as mamas, pois não? Da próxima vez usa as tuas mamas.

Tirei a minha blusa de alças e olhei para os arranhões entre os meus seios.

— Acho que prefiro ficar com a multa e o que resta da minha dignidade, muito obrigada.

Peguei numa tigela de plástico azul do armário, enchi-a com água da torneira e vi o cão beber como se não bebesse água há dias. Ele empurrou a tigela pelo chão de azulejo da minha cozinha antiquada, fazendo o líquido balançar ao longo do caminho, e eu apertei as têmporas.

Ugh, que raio de dia.

Isto era demasiada emoção para mim. Na maior parte dos dias nem sequer saía de casa. Era *por isto* que eu não saía de casa. Demasiadas pessoas e *coisas*. Queria fugir ao sol e voltar a dormir.

— Vou ligar para o número que está na coleira dele. Depois ligo-te.

Desliguei e olhei para a chapa dele. Indicativo estranho. *Tucker, Bom Rapaz.*

— Um bom rapaz, hã? Isso é discutível. Bem, *Tucker*, vamos ver que desculpa têm os teus humanos para te deixarem correr no meio do trânsito — murmurei, enquanto introduzia o número no meu telemóvel.

A chamada foi diretamente para o *voicemail* e uma voz masculina grave disse: «Jason. Deixa mensagem.»

Deixei os meus dados de contacto, desliguei e abanei a cabeça ao ver o cão a espalhar água pelo chão da cozinha.

— Provavelmente também tens fome. Bem, não tenho comida para cão, por isso temos de ir à PetSmart.

Talvez tivesse um pão de limão do Starbucks meio comido no carro, mas provavelmente estava petrificado.

Não tinha uma trela, por isso fiz uma com o cinto do meu robe preto da Victoria's Secret, aquele que o Brandon me tinha dado no Natal anterior ao acidente. O *Tucker* começou imediatamente a roê-lo.

Perfeito.

Quando chegámos à PetSmart, levei-o ao veterinário da loja para ver se tinha *microchip*. Tinha, mas o número registado era o mesmo que estava na chapinha. Nada de morada.

Isto era deveras inconveniente. Estava sempre a verificar o meu telemóvel para confirmar se o volume estava alto.

Sem chamadas nem mensagens.

Estava a pensar nas minhas opções limitadas quando, qual cereja no topo do *sundae*, o *Tucker* fez chichi no chão do consultório veterinário.

A veterinária não pareceu incomodada. Tirou toalhas de papel de um dispensador sem levantar os olhos da sua ficha e entregou-mas. O *Tucker* escondeu-se debaixo de uma cadeira e olhou para mim com olhos de cãozinho arrependido.

— Também estava a comer erva. — Agachei-me e deixei cair as toalhas sobre a confusão. — Acho que tem dor de barriga.

— Talvez tenha uma infeção urinária. Devíamos analisar a urina.

Da minha poça de chichi, virei-me para ela.

— Espere, *eu*? Quer que *eu* pague a análise? A sério? O cão nem sequer é meu.

Ela encolheu os ombros por cima da prancheta.

— Bem, tenha presente que, se ele tiver uma infeção, não vai conseguir reter a urina. Amanhã é fim de semana, por isso vai custar mais trazê-lo se ele não for recolhido. Além disso, é provável que esteja com dores. Se não tiver dinheiro para isso, pode sempre levá-lo à Humane Society. Talvez o tratem lá.

Um abrigo estava fora de questão. E a questão da dor incomodava-me. Com a minha sorte, *acabaria* por ficar com ele até amanhã e estaria aqui a pagar o dobro, a implorar para que o impedissem de fazer chi-chi. Pus um dedo na pálpebra a tremer.

— Está bem. Faça o teste. Talvez o dono me pague.

Céus, só de hoje já fico exausta para amanhã.

O meu telemóvel fez «ping» e eu olhei para ele, cansada.

Kristen: O polícia tinha aquele bigode pornográfico que eles têm sempre?

Ping.

Kristen: Devias ter chorado. O choro soluçado livra-me sempre das multas. Só estou a dizer.

Bufei. Ela estava a tentar fazer-me sorrir. Ela e o marido, o Josh, hoje estavam de vigia à Sloan. Alerta máximo, código vermelho. De olho em mim, para o caso de eu me passar ou ir abaixo.

Provavelmente isso era uma boa ideia.

Duzentos dólares e uma infeção urinária cara depois, saímos de lá com antibióticos para cão. Além da conta do veterinário do *Tucker*, comprei uma trela e um pequeno saco de ração. Precisava de mantimentos suficientes para, pelo menos, aguentar até amanhã, caso ele passasse lá a noite. Comprei também um osso para morder e uma bola para o manter ocupado. Não precisava que este diabo-da-tasmânia destruísse a minha casa.

Não conhecia a raça dele. Esqueci-me de perguntar ao veterinário. Parecia uma espécie de *golden retriever* pequeno. Não me surpreenderia se fosse metade texugo. Era um tanto selvagem. Que cão salta por um teto de abrir?

Fosse ele o que fosse, não era o que eu devia estar a fazer hoje.

Hoje devia estar com o Brandon.

A colocar uma garrafa de Woodford Reserve contra a sua lápide. A sentar-me num cobertor na relva junto à sua sepultura, a dizer-lhe quanto sentia a sua falta, como o mundo era pior por ele não estar nele, como eu estava vazia e não melhorava com o tempo, ao contrário do que diziam que aconteceria.

O dia 8 de abril era o aniversário de dois anos do seu acidente. Não a data da sua morte — ele viveu um mês antes de sucumbir aos ferimentos —, mas a data do acidente. Foi realmente o dia em que a sua vida acabou. A *minha* vida acabou. Ele nunca acordou. Por isso, hoje nunca poderia ser apenas um dia qualquer.

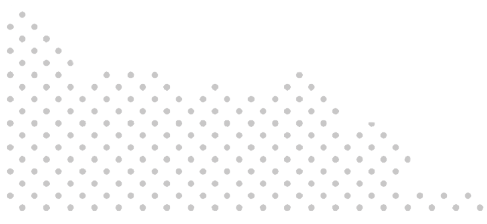
O ano teve muitos dias assim para mim. O dia em dezembro em que ele me pediu em casamento. O seu aniversário. O *meu* aniversário. Festividades, a data do casamento que nunca aconteceu. Na verdade, a maior parte do calendário era um campo minado de dias difíceis. Um chegava ao cume, eu vivia-o, e depois outro vinha na minha direção, no constante fluxo e ondulação que era o ano.

Mais um ano sem *ele*.

Por isso, tinha planeado distrair-me hoje. Fazer a minha visita ao cemitério e depois ser produtiva. Fazer alguns quadros. Comer algo saudável. Tinha-me comprometido a não dormir o dia todo como no ano passado. Prometi a mim mesma que ignoraria o facto de o mês de abril me cheirar agora a hospital e me lembrar pupilas fixas e máquinas a apitar com ritmos que nunca se alteravam.

Voltei a olhar para o telemóvel.

Nada.



CAPÍTULO 2

SLOAN



♪ AFFECTION | BETWEEN FRIENDS

Dez dias. Eu tinha o *Tucker* há dez maravilhosos dias, com pelo na minha cama, beijos molhados pela manhã e uma cauda a abanar.

Bati à porta da casa da Kristen, com um sorriso de orelha a orelha. Quando ela abriu a porta, ficou a olhar.

— Conseguieste, porra.

— Eu disse-te que o faria. — Sorri, passando por ela e entrando na casa, sem esperar que me convidasse a entrar. O *Tucker* e o seu cãozinho, *Stuntman Mike*, andavam à volta um do outro, com as caudas a abanar e os narizes nos rabos.

Ela fechou a porta da frente atrás de mim.

— Vieste a pé até aqui? São mais de dez quilómetros, sua cabra maluca.

— Sim, eu sei — disse eu. Ultimamente, o meu reaparecimento à luz do dia chocava amigos e familiares. — Tenho de ir à tua casa de banho. O Oliver está acordado?

— Não, já está a dormir a sesta. — Ela seguiu-me pelo corredor. — Meu Deus, estás mesmo a adorar esta cena do cão, não estás? Oh, isso lembra-me... — disse ela —, fiz-lhe uma coisa. — Desapareceu e voltou

um segundo depois com uma *T-shirt* de cão onde se lia: SALTEI PARA CIMA DA SLOAN ATRAVÉS DE UM TETO DE ABRIR E TUDO O QUE CONSEGUI FOI ESTA *T-SHIRT*.

Bufei. A Kristen tinha um negócio *online* a partir de casa que vendia artigos para cães.

Entrei na casa de banho, e ela enfiou a *T-shirt* debaixo do braço e encostou-se à ombreira da porta. O Josh não estava em casa, por isso voltámos imediatamente ao nosso velho hábito de nunca fecharmos as portas entre nós.

— Ele é incrível. Nunca vi um animal tão bem treinado — disse eu. — Alguém deve ter passado muito tempo a trabalhar com ele. — Lavei as mãos e olhei para o meu rosto corado no espelho, colocando alguns cabelos soltos atrás da orelha.

— Ainda nenhuma chamada desse tal Jason?

Não tinha ouvido uma palavra do dono do *Tucker*. O *Tucker* passara os primeiros dois dias a urinar em minha casa, apesar dos seus antibióticos caros, e eu tinha passado dois dias a levá-lo à rua, tanto quanto me foi humanamente possível para salvar as minhas carpetes.

Era milagroso como uma poça de chichi de cão no teu chão podia ser motivadora. A sério. Melhor do que um *personal trainer*. O meu Fitbit nunca vira tanta ação.

Eu, claro, não fiz nenhuma pintura com tanto tempo gasto a passeá-lo. Mas este corpo estava bronzeado pela primeira vez desde que me lembro, e tinha de admitir que o exercício me sabia bem. Por isso, mesmo depois de a infeção ter desaparecido, continuámos a passear.

Hoje sentira-me particularmente ambiciosa, por isso decidi ir a pé até casa da Kristen, para a ver a ela e ao bebé. Pensei que, se ficasse cansada, podíamos chamar um Uber. Mas conseguimos, e a vitória era gloriosa.

— Nem um pio do Jason — disse eu.

Tinha afixado cartazes com a fotografia do *Tucker* no cruzamento onde o encontrara e tinha-o registado em alguns *sites* de animais desaparecidos. Até o registei como cão encontrado na Humane Society. E todos os dias deixava uma mensagem ao Jason. Começava a pensar que o *Tucker* tinha sido oficialmente abandonado.

«Então, salvei o teu cão de uma morte certa e ele agradeceu-me saltando para cima de mim através do meu teto de abrir como uma granada. Liga-me para combinarmos a recolha. Tenho tantas perguntas.»

«Olá, Jason. A Sloan outra vez. O teu cão está a urinar por toda a minha casa devido à infeção urinária que apanhou por não o deixarem ir à rua. Seria ótimo se viesses buscá-lo para que ele possa fazer chichi na tua casa. Obrigada.»

«Fala a Sloan e o Tucker. Apesar de o Tucker adorar comida cara, o que faz dele o meu gémeo separado à nascença, não tenho dinheiro para o alimentar. Achas que podes ligar-me de volta?»

Segui a Kristen até à cozinha e dei ao *Tucker* uma tigela de água com cubos de gelo. Depois, sentei-me no balcão de granito e ela ofereceu-me um copo de chá gelado.

— Posso só dizer que estou muito feliz por te ver a sair de casa?

O meu estado de espírito esvaziou-se num instante e os seus firmes olhos castanhos estudaram-me.

— Kristen? Não achas estranho o *Tucker* ter aparecido no aniversário do acidente? Quero dizer, é curioso, não achas?

Ela esperou que eu continuasse, mexendo o gelo no seu copo.

— O *Tucker* caiu-me literalmente no colo. E sabes qual é a raça dele? Um *Duck Tolling Retriever* da Nova Escócia. — Assinalei o nome longo com um toque de cinco dedos na bancada. — Um cão de caça, Kristen. Patos.

A Kristen sabia melhor do que ninguém o significado daquilo. A caça aos patos era o desporto preferido do Brandon. Voava todos os anos para a Dakota do Sul para o praticar com o Josh.

— E se o Brandon o mandou para mim? — sugeri, com um nó na garganta.

Ela deu-me um sorriso compreensivo.

— Bem, acho que o Brandon não queria que ficasses tão infeliz — disse ela suavemente. — Dois anos é muito tempo para estares assim tão triste, Sloan.

Acenei com a cabeça e limpei a cara com a parte de cima da *T-shirt*. Olhei para a cadeira alta encostada à mesa da cozinha. A vida da Kristen era uma recordação dolorosa do que a minha deveria ter sido.

Se o Brandon estivesse vivo e nós tivéssemos casado como planeávamos, provavelmente teríamos um filho, levando-o a brincar com o filho de um ano da Kristen e do Josh.

A Kristen era a minha melhor amiga desde o sexto ano. Os nossos mundos tinham seguido a mesma trajetória desde o liceu. Tínhamos feito tudo juntas. Os marcos das nossas vidas sempre se alinharam.

O Brandon e o Josh também tinham sido os melhores amigos. Eu imaginava viagens de casais e termos bebês. Comprarmos casas ao lado uma da outra. E agora a Kristen tinha continuado sem mim. A vida dela mantinha o seu ritmo, e a minha caíra e ardera quando a mota do Brandon fez o mesmo. Eu estava presa numa espécie de desenvolvimento interrompido, aprisionada num ciclo contínuo do qual não conseguia sair.

Até agora.

Algo tinha mudado em mim. Talvez fosse a rotina que o *Tucker* me obrigava a seguir, ou os passeios, ou o sol. Talvez fosse o pensamento de que este cão era, de alguma forma, um presente do homem que eu perdera, um sinal para *tentar*. Eu sempre acreditei em sinais. Parecia-me demasiado improvável para ser uma coisa do acaso. De todos os carros do mundo, o *Tucker* correu para a frente do meu. Foi como se me tivesse *escolhido*.

Puxei do meu telemóvel.

— Isto lembra-me de que está na hora da minha chamada para o Jason.

A sua voz firme tinha-se tornado parte da minha rotina diária. Mas, desta vez, quando entrou no *voicemail*, uma voz robótica feminina informou-me de que a caixa de correio estava cheia.

Um sinal?

Olhei para a Kristen, que me observava sem palavras.

E pronto. Já tinha tomado a minha decisão. Percorri o telemóvel e encontrei uma fotografia minha e do *Tucker* que tirara uns dias antes. Anexei-a a uma mensagem para o Jason e enviei-a.

— Tens razão. O Brandon ia querer que eu fosse feliz. E esse Jason, se alguma vez aparecer? Pode ir para o inferno.